

### Jantar em família

Às sete e trinta e quatro, o filho entra na sala segurando os dois pratos de jantar. O da mão direita, com mais carne, estende ao pai, que está deitado no sofá ocupando todos os três lugares; o da mão esquerda apoia sobre os próprios joelhos quando se senta na poltrona carcomida, na outra extremidade da sala. Começa a dar garfadas cheias e rápidas, os olhos fixos na macarronada e os ouvidos fechados para ignorar a ilusão pixelada que anunciava as palavras do dia, invariavelmente parecidas com as dos dias anteriores, invariavelmente insuportáveis. O pai a encarava estupefato, milagrosamente silencioso; ainda nem começara a comer.

O filho engole a massa cozida demais com ainda mais pressa, certo de que conseguiria escapar daquela vez. Tentando não entender o número de mortos, a crise econômica e o pronunciamento presidencial, pensava no seu quarto: seu quatinho seguro cuja porta marrom o mantinha à salvo daquela invasora que prendera seu pai em diálogos de fantasia naquela sala sem janelas. E estava indo bem, estava quase conseguindo, faltavam só umas três linguicinhas no seu prato quando ouviu o arauto anunciar a volta à moda de uma antiga modalidade de mentira, brilhantemente restaurada por autênticos historiadores de bem. Aconteceu antes que ele pudesse se conter: seu pescoço fez o balanço mais imperceptível para o lado e de volta para o centro, suas sobancelhas se ergueram em um milímetro, não mais que isso, mas o pior foi o seu nariz, que abriu caminho para um único suspiro, perfeitamente afinado na escala do desprezo.

O filho se encolheu, pensando no quarto e *ele não ouviu, não tem como ter ouvido*. Mas ele ouviu; ah, com certeza ouviu. Seu sorriso era um arame torto; levou a mão ao bolso traseiro, apalpou daqui, dali: sacou o isqueiro e o maço de cigarros. Enfiou o papel entre os lábios gastos e acionou o acendedor: uma vez, só faísca, duas vezes, faísca, três vezes, o filho engoliu o resto de comida sem mastigar, quatro vezes, enfim sua chama gloriosa em tamanho portátil. Mas então o menino já estava de pé, o prato em mãos com só umas manchas de feijão e ketchup.

—Pois é. — Disse afinal, um sorriso de desespero e alívio. O pai tentou resmungar o início de seu monólogo entre as bafuradas, porém mal regurgitou as primeiras palavras, o filho já tinha escapulado pelo corredor com os pés apressados e silenciosos.

(Nicole Christine)